



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

GÊNEROS TEXTUAIS E O LIVRO DIDÁTICO: UMA ANÁLISE SOCIODISCURSIVA

Ana Dalete da Silva

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
anadaletesilva@hotmail.com*

Anikele Frutuoso

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
anikelefr@gmail.com*

José Ronaldo Ribeiro da Silva

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
ronaldrsjr@hotmail.com*

Verônica Maria de Araújo Pontes

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
veronicapontes@uern.br*

RESUMO: Este artigo analisa três capítulos do livro didático de língua portuguesa “Português Linguagem em conexão” do 1º ensino médio, com o objetivo de compreender a proposta de tratamento dos gêneros textuais nesse instrumento de ensino. A investigação tem pretensões analítico-descritivas sobre estes dois tópicos de grande importância para o ensino de línguas: o livro didático e os gêneros textuais. É importante ressaltar a importância do trabalho com os gêneros, uma vez que eles constituem uma rica fonte de contextualização dos usos da língua em situações reais de comunicação. A análise demonstra que os gêneros textuais foram utilizados com três propósitos nessa coleção: como elemento motivador de análise linguística, para compreensão e interpretação textual; o objetivo das atividades propostas no livro didático tem além do estudo do conteúdo proposto, a análise da composição, estilo e função dos gêneros; culminando na produção de gêneros com ênfase aos domínios discursivos de sua produção.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros Textuais, Livro Didático, Ensino.

INTRODUÇÃO

Os estudos em torno da noção de gênero têm sido objeto de interesse em várias investigações e pesquisas, especialmente no campo da Linguística. Isso tem evidenciado discussões pertinentes a cerca da natureza constitutiva da linguagem. Na perspectiva teórica de Bakhtin, linguagem e sociedade se entrecruzam de forma dialógica, processando-se nas práticas discursivas efetivadas nas diversas esferas da atividade humana.

A noção de gênero proposta pelo teórico revela que a utilização da língua se configura através de enunciados que refletem as finalidades e propósitos de cada instância da



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

comunicação humana, uma vez que a linguagem não é falada no vazio, mas em um contexto histórico e social.

Assim, no aglomerado de ideias postuladas por Bakhtin, compreende-se que nenhum texto se esgota em si próprio, visto que, todo discurso se processa em uma relação do eu com o outro. O dialogismo apresentado pelo teórico se refere às relações instauradas por esses discursos na dinâmica efetivada pelas práticas sociais. Isto significa dizer que, nenhum discurso é neutro, todos eles têm sua carga de intencionalidade.

Feitas essas observações, temos por intuito fazer uma discussão acerca das concepções que tratam dos gêneros do discurso, de modo especial destacando as ideias bakhtinianas. Para isso, utilizamos a proposta de tratamento dos gêneros textuais em um livro didático do ensino médio.

Assim, no escopo deste trabalho são pontuados alguns conceitos pertinentes para a compreensão da linguagem enquanto prática social, iniciando por uma discussão em torno dos aspectos conceituais e suas contribuições teóricas, para posteriormente, às análises empreendidas em três capítulos do livro didático da coleção Leya publicado pela Editora Posigraf S.A.

Metodologia

Este artigo tem o objetivo de compreender a proposta de tratamento dos gêneros textuais no compêndio, para tanto, analisa três capítulos do livro didático de língua portuguesa do ensino médio. Esta análise tem caráter analítico-descritivo, para este empreendimento utilizamos como objeto de estudo o livro didático (LD) de língua portuguesa da Coleção Leya, intitulado “Português Linguagem em conexão, 1º ano – ensino médio – edição: 2013, (Manual do Professor) autoria de Maria das Graças Leão Sette, Márcia Antônia Travalha, Maria do Rosário Starling de Barros. Esse livro é dividido em duas partes distintas: o trabalho com a literatura e o trabalho com gramática.

Analisamos os capítulos 15¹, 17 e 18, que têm os temas, respectivamente: Linguagem, comunicação e interação; Signos, linguagem, língua; e Funções da linguagem. No geral, os

¹ No capítulo 16, trata dos Substantivos, diferente do capítulo anterior, este capítulo é mais voltado para análise linguística, apesar de também utilizar os gêneros, dá enfoque a classificação das estruturas gramaticais, por este motivo passaremos a analisar o capítulo seguinte.



capítulos contabilizam 36 páginas, ao nosso ver são representativos para se compreender a perspectiva teórico-metodológica do LD.

1. Gêneros textuais: contribuições teóricas

Ao adentrarmos um pouco no percurso histórico dos estudos acerca de gêneros do discurso empreendidos no Brasil, percebemos que Bakhtin, cuja teoria é basilar neste estudo, é um dos teóricos mais predominantes. O que se nota, desse modo, é uma vasta variedade terminológica e conceitual em estudos embasados por sua análise dos gêneros. Contudo, as ideias discutidas por Bakhtin e seu círculo, desde os anos 20 e que atualmente se encontram em expansão, difundem questões instigantes em torno da natureza constitutivamente dialógica e ideológica da linguagem.

No conjunto de ideias postuladas pelo teórico, compreende-se a linguagem por uma perspectiva linguístico-discursiva. Assim, a concretização efetiva da linguagem se processa no momento da enunciação, quando se coloca em uso a língua, na relação entre homem e sociedade. Diante dessa perspectiva, Bakhtin (2003) em seus estudos sobre gêneros, cita três elementos constituintes do enunciado, a saber: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Para o autor, esses elementos são responsáveis por determinarem a formação das características que compõem um gênero discursivo. A esse respeito Bakhtin (2003, p. 261-262, grifos do autor) salienta:

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo temático e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos - o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*.

Sob essa ótica, percebemos que as três premissas enfatizadas pelo autor sugere que os gêneros são produtos da atividade social de uma determinada esfera da comunicação, inscrita em uma determinada prática discursiva, situado historicamente e socialmente marcado. Desta maneira, como os gêneros discursivos são aspectos característicos da linguagem, pode-se dizer, que o ato da enunciação se efetiva em processos múltiplos visto que, o locutor, enquanto sujeito discursivo, ao enunciar, tem seu discurso interpelado pelos



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

ecos dos discursos alheios que circulam na sociedade. Desse modo, todo enunciado é, de certa forma, resposta no diálogo social, uma vez que o enunciado enquanto elemento discursivo estritamente social ocasiona, em suas mais diversas possibilidades de efetivação, uma reação-resposta por parte do sujeito.

Compreender a linguagem em seus aspectos discursivos e enunciativos, assim como propõe Bakhtin, ou seja, enquanto atividade social e histórica é, ao mesmo tempo, reconhecer a sua natureza constitutivamente dialógica e ideológica. Assim, há de se considerar que as formas de manifestações da linguagem sejam tão diversificadas quanto às múltiplas esferas da atividade humana do qual emergem.

Para Marcuschi (2007, p. 22), “é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum *gênero*, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum *texto*. Em outros termos, partimos da ideia de que a comunicação verbal só é possível por algum *gênero textual*”. Os gêneros, assim considerados, são entendidos como resultantes da ação de uma determinada comunidade discursiva que elabora um gênero específico para comunicar algo. Nesse sentido, como as possibilidades de realização das atividades humanas são infinitas, cada esfera social abrange um repertório de gêneros, que são ampliados e modificados a partir do desenvolvimento dessa esfera.

Assim, é a partir de uma situação de comunicação que os textos assumem sua real função, já que todo ato de enunciação é atravessado por uma finalidade, desconstituindo o texto da neutralidade. Nas palavras de Bakhtin (2003, p. 282, grifos do autor):

A vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo *na escolha de um certo gênero de discurso*. Essa escolha é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetais (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes, etc. A intenção discursiva do falante, com toda a sua individualidade e subjetividade, é em seguida aplicada e adaptada ao gênero escolhido, constitui-se e desenvolve-se em uma determinada forma de gênero.

Nessa perspectiva, não há como conceber a linguagem fora de um contexto, posto que deve atender as distintas necessidades dos falantes, para assim, objetivar a finalidade social que detém cada gênero. Diante disso, Bakhtin (2000) coloca que o uso da linguagem em determinados contextos situacionais e culturais e em diferentes esferas sociais de ação linguística se dá por meio de enunciados orais, escritos (concretos e únicos). Segundo o autor (idem, p. 279), “o enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma



dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, [...] também, e, sobretudo, por sua construção composicional”.

Sob esse prisma, os gêneros possuem características específicas, no tocante aos aspectos linguístico, discursivo, textual que acompanham as mudanças e as necessidades dos falantes que, ao utilizar um gênero seja oral ou escrito, deve considerar a situação de produção, para que e quem está falando e/ou escrevendo.

Marcuschi (2002) salienta que, compreender os gêneros como entidades sociodiscursivas, é também, considerar que eles não são formas linguísticas estanques, mas flexíveis e dinâmicos, podendo, pois, modificar-se, transformar-se e/ou desaparecerem, em decorrência das funções comunicativas realizadas nas diversas esferas de uso da língua. Como afirma Bakhtin (2003, p. 284):

É possível uma reacentuação dos gêneros, característica da comunicação discursiva em geral; assim, por exemplo, pode-se transferir a forma de gênero da saudação do campo oficial para o campo da comunicação familiar, isto é, empregá-la com uma reacentuação irônica-paródica; com fins análogos pode-se misturar deliberadamente os gêneros das diferentes esferas.

Com base nessa concepção, entende-se que a constituição dos gêneros do discurso estão atreladas às instâncias enunciativas das esferas da atividade humana, isto é, às diversas práticas discursivas. Há de se considerar, então, que as reflexões efetivadas por Bakhtin em torno dos gêneros serviram de embasamento para que se entenda que toda forma de comunicação pertence a um certo gênero. Ainda que essa comunicação seja espontânea, imediata ou especializada, o que torna o ensino dos gêneros um objeto de ensino importante, pois eles representam as formas da comunicação, as modalidades da linguagem em uso.

2. Gêneros textuais na sala de aula: dimensões conceituais e práticas

A história dos gêneros (de textos/ do discurso), pelo que se estima, data de cerca de vinte e cinco séculos. As origens das preocupações e tratamentos sobre o assunto remontam aos tempos de Platão. Desde então, inúmeras abordagens procuram dar conta da análise da natureza dos gêneros, o que tornou o tema extremamente relativo e não consensual, por conta dos critérios que, em muitos casos, podem aproximar ou afastar os entendimentos e as análises, a depender da correnteteórica adotada.



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

Bronckart (1997) argumenta que, devido à grande variedade de textos, desde a antiguidade, diferentes propostas de classificação têm buscado delimitar e designar os gêneros textuais/discursivos, porém, como cada abordagem utiliza seus próprios critérios, é difícil chegar a um consenso sobre o assunto, ficando o conceito à deriva do aparato teórico-metodológico que se queira adotar. Marcuschi (2008) aponta que há uma dificuldade até quando se tenta elaborar um levantamento das abordagens existentes. O autor descreve o percurso histórico das abordagens que relacionavam o gênero apenas com o domínio literário, o que tornava a quantidade dos gêneros muito inferior ao que se pressupõe existir atualmente.

“A expressão ‘gênero’ esteve, na tradição ocidental, especialmente ligada aos gêneros literários, cuja análise inicia com Platão para se firmar com Aristóteles, passando por Horácio e Quintiliano, pela Idade Média, o Renascimento e a Modernidade até os primórdios do século XX”. (MARCUSCHI, 2008, p. 147)

A visão mais consensual que se tem atualmente é que os gêneros são múltiplos e, cada vez mais, parece difícil totalizá-los, pois, em virtude de sua estreita relação com a linguagem em uso na sociedade, em contextos reais, eles parecem se multiplicar. Além disso, são reveladores de práticas sócio-discursivas diversas e de diferentes naturezas, o que torna praticamente impossível qualquer tentativa de descrição totalizante. C. Miller (1984) compreende que os gêneros textuais se constituem enquanto prática social que envolve o uso da linguagem em qualquer esfera e os associa à noção de produtos da cultura humana. Possivelmente, por meio deste entendimento é que os gêneros têm despertado um interesse cada vez maior de diferentes áreas do conhecimento, pois não são instâncias que envolvem apenas aspectos linguísticos, mas também fatores culturais, sociais, cognitivos, dentre outros.

No Brasil, a partir de meados da década de 1990, essa questão foi posta no centro das atenções, principalmente em áreas como o ensino de línguas materna e estrangeira e Linguística Aplicada. Este quadro teórico-prático foi impulsionado pela indicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) da utilização dos gêneros enquanto objetos de estudo e análise, de grande valia em aulas de leitura, produção e interpretação de textos.

No que se refere ao uso de gêneros enquanto objeto de ensino e aprendizagem, mais especificamente no contexto da sala de aula de línguas materna e estrangeira, os PCNs reconhecem que essa deve ser uma prática recorrente como forma de atribuir mais significado ao processo educacional. Todavia, esse reconhecimento carece de uma explicitação maior de como o trabalho docente deve proceder.



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

“Toda e qualquer análise gramatical, estilística, textual deve considerar a dimensão dialógica da linguagem como ponto de partida. O contexto, os interlocutores, **gêneros discursivos**, recursos utilizados pelos interlocutores para afirmar o dito/escrito, os significados sociais, a função social, os valores e o ponto de vista determinam formas de dizer/escrever. As paixões escondidas nas palavras, as relações de autoridade, o dialogismo entre textos fazem o cenário no qual a língua assume o papel principal”. (BRASIL, 2000, p. 21, grifos nosso).

A sala de aula pode ser considerada como espaço social privilegiado para a utilização de gêneros, principalmente em atividades que envolvem a utilização de textos como objeto de análise ou meta de produção. Este posicionamento tem sido defendido, como vimos, em documentos oficiais do governo brasileiro como os PCNs e na própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que sustenta em seu artigo 35 que: “O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades: II - conhecimento das formas contemporâneas de linguagem;”.

Encontra amplo apoio epistemológico também em autores da área da educação, da linguística, da pedagogia, da psicologia, etc. Os pesquisadores Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz (1999) defendem que a escola trabalhe com gêneros, e que, na realidade, partindo do pressuposto bakhtiniano de que o uso da linguagem em diferentes contextos sociais a filiam a algum gênero discursivo, “Na sua missão de ensinar os alunos a escrever, a ler e a falar, a escola, forçosamente, sempre trabalhou com os gêneros, pois toda forma de comunicação, portanto também aquela centrada na aprendizagem, cristaliza-se em formas de linguagem específicas”.

Entretanto, os autores defendem que o ensino dos gêneros não deve ser um fim em si mesmo. Antes, se posicionam a favor de uma naturalização do ensino, contra propostas que artificializam o uso dos textos sem uma vinculação consistente com a significância necessária para tornar a atividade pedagógica mais coerente e contextualizada.

Na prática em classe, os gêneros não são referidos a outros, exteriores à escola, que poderiam ser considerados modelos ou fontes de inspiração. A situação de comunicação é vista como geradora quase automática do gênero, que não é descrito, nem ensinado, mas aprendido pela prática de linguagem escolar, através dos parâmetros próprios à situação e das interações com os outros. A naturalização é aqui de uma outra ordem: o gênero nasce naturalmente da situação. Ele não é, assim, tratado como tal, não é descrito, nem, menos ainda, prescrito, nem tematizado como forma particular que toma um texto. O gênero não aparece como tal no processo de aprendizagem; ele não é um instrumento para o escritor que reinventa cada vez a forma linguística que lhe permite a comunicação. Aprende-se a escrever escrevendo,



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

numa progressão que é, ela também, concebida como natural, constituindo-se segundo uma lógica que depende tão-somente do processo interno de desenvolvimento. (SCHNEUWLY&DOLZ, 1999, p. 9)

O objetivo maior do trabalho com gêneros dentro do espaço escolar deve ser o desenvolvimento das habilidades comunicativas dos usuários da língua. Para tanto, a escola necessita criar mecanismos que abordem os gêneros em situações reais, como forma de ensinar as práticas de linguagem da sociedade, não como conteúdos autossuficientes. Esta habitualidade com gêneros diversos é a hipótese que está na raiz do conceito de formação de leitores e produtores competentes, conforme indicação dos documentos oficiais da educação brasileira e de autores e pesquisadores que trabalham com gêneros. A seguir apresentamos à análise realizada no livro didático.

3. Gêneros textuais: um olhar sobre o livro didático

Nesta sessão faremos uma análise dos capítulos 15, 17 e 18. No capítulo 17, é proposto o trabalho com vários gêneros, quais sejam: charge, Tirinha, e cartum, crônica. Na apresentação do capítulo, primeiramente, inicia-se questões norteadoras para que o professor trabalhe com os alunos; essas questões estão basicamente relacionadas à compreensão do ato comunicativo, sugerindo ao professor a sua problematização envolvendo o estudo do gênero e sua compreensão sócio-discursiva.

É importante frisar que no decorrer das atividades os gêneros vão sendo conceituados em pequenos quadros. Entre as atividades propostas, questões como – Como as pessoas se comunicam; se há comunicação em todas as situações; o que pode ocorrer se houver interpretações diferentes. Muitas dessas questões voltadas a do conteúdo discursivo – O interlocutor do texto; efeito comunicativo, motivação linguística/propósito comunicativo. Na figura a seguir temos uma amostra do gênero cartum trabalhado no capítulo.

Figura 1





Percebemos uma mescla do trabalho do conteúdo proposto no capítulo com a análise de textos variados. As atividades, por sua vez, são voltadas a análise de domínios dos gêneros. Vejamos algumas das questões do exercício proposto no LD:

Figura 2



(Estado de Minas. Caderno Cultura/Quadrinhos. Belo Horizonte, 27/08/2000, p. 8)

5. Leia o cartum Vereda tropical, de Nani, publicado no jornal Estado de Minas:
- No cartum “vereda tropical”, quem são os interlocutores? Justifique sua resposta com elementos do cartum.
 - o que a imagem de cada um deles pode representar? Justifique.
 - Como você interpreta o comentário do segundo interlocutor?
 - Qual dos interlocutores se refere a um contexto social econômico mais amplo? E qual deles se refere a um contexto pessoal?

O trabalho com esse gênero traz à tona as explanações de Marcushi (2008), quando leva em consideração análise dos interlocutores no gênero, além de dar foco aos outros elementos do discurso como “aquele que fala; aquilo sobre o que se fala”. Como podemos ver, a atividade explora o conteúdo temático do gênero além de propor a análise das representações sócio-discursivas dos interlocutores.

É importante ressaltar que o capítulo não é voltado diretamente à análise do gênero, todavia, as atividades dão atenção à análise dos domínios dos gêneros², o que nos faz perceber que o livro não segue os moldes tradicionais que têm muitas vezes o objetivo de fazer apenas a classificação do gênero, sem notar os aspectos de sua produção.

² Segundo Marcushi (2008) são formações históricas e sociais que originam os discursos, os textos.



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

Assim, podemos afirmar que neste capítulo os gêneros não são utilizados apenas como pretexto para o estudo do conteúdo programado, mas sim, como colaborador no ensino-aprendizagem, essa atividade também propõe delimitação em relação aos aspectos de tempo e espaço representados textualmente.

O capítulo 17 propõe interpretação de um trecho do gênero acadêmico, especificamente, artigo científico. Nas atividades desse capítulo, propõe-se analisar qual o público-alvo do texto e a análise do título do livro em que o artigo está. Essas proposições nos trazem a ideia de ‘propósito social do gênero’, pois leva o aluno através dessa atividade a entender os propósitos de um texto nas esferas de comunicação, ou seja, para quem esse texto pode ser direcionado, além disso, à análise do estilo e composição.

Entre as atividades propostas, vejamos algumas em que se questiona – sobre a opinião do aluno em relação ao título do texto, a quem o texto é direcionado, e especificamente sobre os objetivos do texto numa atividade de múltipla escolha. Após o trabalho com o gênero se introduz o conteúdo programado no capítulo.

Ao final do capítulo os autores propõem a preparação de um mural/painel, nessa atividade os alunos pesquisarão em jornais, charges, tirinhas situações em que houve problema na interação entre os interlocutores, ao final propõem-se a elaboração de uma tirinha. Nessa atividade é explorado o estilo e composição do gênero, além do efeito comunicativo.

No capítulo 18, propõe-se o estudo de textos variados de acordo com a função dentro da linguagem e o aspecto social, para tanto, os autores utilizam poemas, charges, anúncio publicitário, e verbetes. Em algumas das atividades propostas às quais iniciam o capítulo, temos a análise da função do poema, antes disso, as questões problematizadoras tem o propósito de levar os alunos a questionarem a respeito dos textos que circulam socialmente com enfoque nas diferenças entre eles.

No início dessa atividade, a participação do professor é de suma importância, uma vez que ele poderá esclarecer e levar os alunos a entender que existe uma multiplicidade de gêneros e dependendo do contexto eles podem ser modificados a fim de atender a propósitos diferentes.

O exercício proposto propõe interpretação, trata da estrutura, composição e classificação do gênero propaganda. Abaixo, o gênero analisado:



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO



Figura 3

O exercício mescla o conteúdo programado no capítulo com a análise do gênero propaganda, essa mesclagem, otimiza o a apresentação do conteúdo, uma vez que o gênero está intimamente ligado às esferas de comunicação humana, o que torna o trabalho com a língua dinâmico e heterogêneo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na análise dos capítulos 15, 17 e 18, podemos perceber a perspectiva metodológica do livro, que é coerente com as pesquisas voltadas ao ensino de língua materna. Trazer o trabalho com os gêneros nas atividades escolares é um fato inovador, porque o trabalho com os gêneros não pode ser apenas uma questão da moda, mas sim, um fato, um instrumento que se bem utilizado pode trazer grandes contribuições para os alunos no que diz respeito a entender a língua em sua verdadeira função.

Em suma, neste livro, em especial nos capítulos analisados, os gêneros são mesclados nas atividades referentes aos conteúdos; a metodologia apresentada é relevante ao ensino-aprendizagem de língua por colocar em pauta postulações dos PCN, que ressaltam que o trabalho com a língua deve ser realizado com os textos, ou seja, com os gêneros. Assim como diz Marcushi (2008) os gêneros devem ser analisados conforme o evento comunicativo, analisando seus propósitos no ambiente social, estilo, composição, domínio discursivo em uma variedade infinita de textos.

Os PCN já atentam para a necessidade de se trabalhar com os gêneros (orais e escritos) e que estes devem nortear as aulas de língua portuguesa. Atender a esses propósitos no livro



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

didático que é um material de subsídio ao professor é um avanço para o ensino de língua portuguesa, porque o trabalho com os gêneros traz ao aluno o contato com diversos textos que são produzidos socialmente, conseqüentemente, outras competências serão facilmente desenvolvidas pelos alunos como a leitura e produção de textos variados.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.

_____. Os Gêneros do Discurso. In: BAKHTIN, M. **A Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 279-326.

_____. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.p. 262-296.

_____. Diálogo em Dostoiévski. In: **Problemas da poética de Dostoiévski**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Â., MACHADO, A., BEZERRA, M., (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

SETTE, M. G. L.; TRAVALHA, M.A.; BARROS, M. R. S. **Português: Linguagens em conexão – Volume 1**, 1ª edição, Editora Posigraf S.A: São Paulo, 2013.